



**WENDELL LUIZ LINHARES
(ORGANIZADOR)**

A EDUCAÇÃO FÍSICA EM FOCO 2

Atena
Editora
Ano 2019

Wendell Luiz Linhares
(Organizador)

A Educação Física em Foco 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	A educação física em foco 2 [recurso eletrônico] / Organizador Wendell Luiz Linhares. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Educação Física em Foco; v. 2) Formato: PDF. Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-453-5 DOI 10.22533/at.ed.535190507 1. Educação física – Pesquisa – Brasil. I. Linhares, Wendell Luiz. II. Série. CDD 613.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Com o passar do tempo, a Educação Física tem demonstrado cada vez mais ser uma disciplina, a qual, se caracteriza por uma configuração multifacetada, possibilitando o diálogo, não só com a área do conhecimento biológica, mas também, com a das humanas e sociais. Compreender a importância desta interdisciplinaridade é um grande desafio para o profissional da Educação Física.

A obra “A Educação Física em Foco 2 e 3 ” é um e-book composto por 32 artigos científicos, os quais estão divididos por dois eixos temáticos. No primeiro intitulado “Educação Física Escolar, Formação e Práticas Docentes” é possível encontrar estudos que apresentam aspectos teóricos e empíricos do contexto escolar e como esses influenciam a prática docente. Ainda, é possível verificar relatos de experiências sobre atividades que contribuíram na profissional do indivíduo. No segundo eixo intitulado “Políticas Públicas, Saúde, Esporte e Lazer na Educação Física”, é possível verificar estudos que apresentam desde aspectos biológicos e fisiológicos relacionados ao exercício físico, até os que discutem a proposição e aplicação de políticas públicas voltadas para o esporte e lazer.

O presente e-book reúne autores de diversos locais do Brasil e, por consequência, de várias áreas do conhecimento, os quais abordam assuntos relevantes, com grande contribuição no fomento da discussão dos temas citados anteriormente.

Portanto, é com entusiasmo e expectativa que desejo a todos uma boa leitura.

Wendell Luiz Linhares

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE DA PRÁTICA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Jacqueline Rodrigues Chiquito Samuel de Souza Neto	
DOI 10.22533/at.ed.5351905071	
CAPÍTULO 2	12
APRENDIZAGENS SOBRE EXERCÍCIOS FÍSICOS POR MEIO DA METODOLOGIA BASEADA NA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS	
Ademir Testa Junior Ídico Luiz Pellegrinotti	
DOI 10.22533/at.ed.5351905072	
CAPÍTULO 3	26
COMO TRABALHAR ESTADOS EMOCIONAIS INERENTES ÀS PRÁTICAS CORPORAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM DESAFIO DOCENTE	
Rodolfo Gazzetta Rubens Venditti Júnior Adriane Beatriz de Souza Serapião André Luis Aroni	
DOI 10.22533/at.ed.5351905073	
CAPÍTULO 4	41
CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A FORMAÇÃO HUMANA OMNILATERAL: UMA ABORDAGEM COM BASE NA FILOSOFIA SOCIAL MARXIANA	
Zuleyka da Silva Duarte Maristela Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5351905074	
CAPÍTULO 5	55
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: NOVOS TEMPOS E ESPAÇOS	
Sandra Regina Trindade de Freitas Silva Enéas Machado Rafael Feijó Torres	
DOI 10.22533/at.ed.5351905075	
CAPÍTULO 6	60
ENRIQUECIMENTO CURRICULAR NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA ALUNOS EM PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO DE AH/SD	
Rodolfo Lemes de Moraes Rubens Venditti Júnior Denise Rocha Belfort Arantes-Brero Taís Pelição Marcos Gabriel Schuindt Acácio Letícia do Carmo Casagrande Morandim Vera Lucia Messias Fialho Capellini	
DOI 10.22533/at.ed.5351905076	

CAPÍTULO 7	72
FUTEBOL, APENAS MENINOS JOGAM? UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR	
Elizandra Bezerra Almeida	
Alberto Joz da Silva Pamponete	
Marlon Messias Santana Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.5351905077	
CAPÍTULO 8	81
IDEOLOGIA E FORMAÇÃO INICIAL DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA	
Alvori Ahlert	
Adelar Aparecido Sampaio	
DOI 10.22533/at.ed.5351905078	
CAPÍTULO 9	109
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO NA DISCIPLINA DE ANATOMIA BÁSICA I	
Cêjane Martins Carneiro Carvalho	
Khellen Cristina Pires Correia Soares	
Mariana da Silva Neta	
DOI 10.22533/at.ed.5351905079	
CAPÍTULO 10	122
O XADREZ E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM	
Kadydja Karla Nascimento Chagas	
Carla Virgínia Paulino da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.53519050710	
CAPÍTULO 11	133
OS JOGOS E AS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL DE PALMAS/TO	
Rodrigo Lema Del Rio Martins	
Maria Luiza Raphael Del Rio Martins	
Luísa Helmer Trindade	
André da Silva Mello	
DOI 10.22533/at.ed.53519050711	
CAPÍTULO 12	143
PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE OS CONCEITOS TEMÁTICOS DE SAÚDE ABORDADOS NOS LIVROS DIDÁTICOS: SUPERFICIAL OU GENERALISTA?	
Arnildo Korb	
Ana Júlia Sandri	
Andrieli Schmitz	
Tatiani Todero	
Saionara Vitória Barimacker	
Suellen Fincatto	
Adriane Karal	
Ana Luisa Streck	
Leila Zanatta	
Danielle Bezerra Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.53519050712	

CAPÍTULO 13	154
OS BENEFÍCIOS E MALEFÍCIOS DA CORRIDA DE RUA	
Gilcimar Fonseca Siqueira	
Ítalo Mateus Dantas Pinto	
José Araújo Souza	
DOI 10.22533/at.ed.53519050713	
SOBRE O ORGANIZADOR	167

IDEOLOGIA E FORMAÇÃO INICIAL DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Alvori Ahlert

Pós-Doutor em Educação, Doutor em Teologia (Área: Religião e Educação), Mestre em Educação nas Ciências (Área Filosofia). Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE. Pesquisador da Linha de Pesquisa Formação de Professores, do Grupo de Extensão e Pesquisa em Educação Física Escolar – GEPEFE, e do Grupo Interdisciplinar e Interinstitucional de Pesquisa e Extensão em Desenvolvimento Sustentável – GIPEDES.
alvoriahlert@yahoo.com.br

Adelar Aparecido Sampaio

Doutor e Mestre em Educação pela PUCRS, com especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Educação Física escolar e Educação Especial e Inclusiva. Licenciatura Plena em Educação Física e Pedagogia. É pesquisador dos grupos de pesquisas Mal-estar e Bem-estar na Docência da PUCRS e do GEPEFE (Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física Escolar) da UNIOESTE.
adelarsampaio@hotmail.com

RESUMO: O presente texto aborda a relação entre ideologia e educação na formação de professores de Educação Física através dos resultados de pesquisa vinculada à Linha de Pesquisa *Formação de Professores* do Grupo de Extensão e Pesquisa em Educação Física Escolar – GEPEFE, que afirma a necessidade de formar sujeitos com independência intelectual, capazes de intervirem na realidade

de seu campo profissional com autonomia e independência, e com capacidade de escolha. A abordagem da pesquisa caracteriza-se como quanti-qualitativa, de natureza exploratória. Concluiu-se que a licenciatura atrai mais estudantes do gênero feminino, o que acompanha a tendência nacional. Que a ampla maioria se encontra na faixa etária mais adequada em idade universitária, o que está dentro das tendências da região Sul do Brasil, segundo o IBGE 2015. Que a maioria dos estudantes se formou em escolas de educação básica públicas. Que a maioria está numa renda familiar com menos de cinco Salários Mínimos. Que os meios de informação dos estudantes se limitam basicamente aos meios televisivos e que a ampla maioria não tem o hábito de ler livros. Que os percentuais sobre a posição político-ideológica estão muito próximos de um empate técnico, o que significa que os estudantes, licenciandos em Educação Física, possuem um perfil médio de pessoas que se situam como ideologicamente de centro, comprovando que o referido curso possibilita uma formação ampla e plural, sem uma linha ideológica definida e sem, portanto, doutrinação ideológica.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia; Formação inicial; Educação Física.

1 | INTRODUÇÃO – SITUANDO O DEBATE

O processo de ensino e aprendizagem ocorre através de um conjunto de conhecimentos, crenças, valores e hábitos historicamente construídos pela humanidade,

que são selecionados, organizados e reconstruídos na sala de aula. Entretanto, existe uma constante avaliação crítica de que a na educação se trabalha com conteúdos culturais pouco relevantes, distantes da realidade social dos estudantes, constituindo-se em desestímulo para a sua formação. Com isso as situações e problemas da vida cotidiana, as preocupações pessoais, as angústias, as carências objetivas e subjetivas não adentram a sala de aula da universidade e da escola.

Esta realidade demanda uma re-significação contínua da mediação docente para efetivar, através de aprendizagens formais e sistemáticas, conteúdos que se tornem vivos ao serem compartilhados, esmiuçados e discutidos entre estudantes e professores enquanto sujeitos privilegiados do ensinar e aprender mútuo.

Segundo Marques (1995, p. 110 – 112), a sala de aula torna-se o lugar social onde toma lugar toda a dinamicidade que insere a proposta pedagógica que se quer crítica e transformadora da realidade, que é o único e real valor e significado da função social e humana da escola. Nesta célula básica da educação escolar, a sala de aula precisa constituir-se numa articulação das dimensões materiais, objetivas, subjetivas e pedagógicas.

O acesso a materiais e lugares, coisas e tempos, requer profissionais conscientes, habilidosos em argumentação no debate em círculos, com “mesas sem canto”, possibilitando, assim, a participação democrática, para que o desenvolvimento se direcione numa direção de igualdade da relação política na qual os sujeitos se constituem em cidadãos capazes de conduzirem-se com a autonomia exigida por suas co-responsabilidades.

Além disso, a formação precisa significar o acesso interno a todas as tecnologias novas, úteis e eficazes, que ajudem na reconstrução dos saberes historicamente armazenados nas culturas humanas e na construção de novos saberes favorecidos pela curiosidade e perguntas que o ambiente de interação social desenvolve.

Os saberes que constituem a formação docente são permeados de vivências e olhares que se entrelaçam nas várias etapas de formação. Tardiff (2002), entre outros autores, conceitua que o saber engloba conhecimentos, competências e habilidades dos docentes, isto é saber-fazer e saber-ser. Segundo o autor, são oriundos de diversas fontes: pessoais; da formação escolar anterior; da formação profissional para o magistério; dos programas e livros didáticos usados no trabalho; e, de sua própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola.

De acordo com Morosini e Comarú (2009), os professores possuem várias concepções que utilizam em seu trabalho diário, em função de seu contexto cotidiano, de sua biografia e de suas necessidades, recursos e limitações, sendo nessa conjuntura de construção de saberes docentes ao longo da vida que a dimensão profissional constitui a identidade do professor e se reflete no seu agir diário. Para as autoras citadas, a formação pode contribuir para o desenvolvimento profissional dos docentes à medida em que se formem profissionais reflexivos, capazes de assumir, com autonomia, a responsabilidade pelo próprio desenvolvimento profissional e

de participarem, com empenho e competência, da definição e implementação de políticas educativas crítico-reflexivas. Por isso, segundo Nóvoa (1995, p. 28) “[...] os professores têm de se assumir como produtores da “sua” profissão [...] não basta mudar o profissional; é preciso mudar também os contextos em que ele intervém”.

Esta moldura de múltiplas inter-relações intersubjetivas demanda planos e programas, métodos e procedimentos, objetivos que contemplem a realidade psicossocial, política e ideológica dos educadores e educandos.

Por isso, uma visão de educação voltada para aprendizagens re-significadas e com qualidade demanda, em primeiro lugar, um profissional da educação que problematize o conhecimento, a sociedade, a educação, o ensino-aprendizagem, a política, a economia, as relações de poder, enfim, a perspectiva de uma educação verdadeiramente democrática e emancipadora calcada na ética e na justiça social. Exige, conforme aponta Contreras (2002), uma formação para o desenvolvimento profissional guiado pela autonomia do docente, de suma importância, pois faz a diferença diante das situações, nas quais o docente deve decidir o que, como, quando e qual atitude tomar. De acordo com o autor, as dimensões da profissionalidade, segundo o modelo intelectual e crítico, deverá como (1) obrigação moral: dirigir um ensino à emancipação individual e social, guiada pelos valores de racionalidade, justiça e satisfação; (2) como compromisso com a comunidade: a defesa de valores para o bem comum como a justiça, igualdade, dentre outros, além da participação em movimentos sociais pela democracia; (3) como auto-reflexão sobre as distorções ideológicas e os condicionantes institucionais, além do desenvolvimento da análise e da crítica social e participação na ação política transformadora.

O desafio da docência e da sua formação é a construção de uma profissionalidade que possa desencadear efeitos em uma sala de aula onde as necessidades do cotidiano se confrontem numa relação dialética com os conceitos e as práticas das ciências para dar novo sentido e significado às aprendizagens e, assim, se traduza no resgate da utopia por um mundo mais justo, humano e fraterno. Para Marques (1995, p. 123), “É a paixão pelo homem que faz o educador. Apesar das desigualdades e angústias, o autêntico professor acredita no homem que está no aluno e busca conferir-lhe o imenso privilégio de acreditar em si”.

Estamos vivendo uma época na qual as pessoas vivem num dogmatismo. E o dogmatismo paralisa o potencial reflexivo das pessoas, pois “vêm apenas um lado do fenômeno e ficam satisfeitas. Mas o dogmatismo é perigoso. O dogmático coleciona as verdades absolutas e abstratas” (AHLERT, 2007, p. 2). Esse dogmatismo limita as pessoas no segundo nível do pensamento, permanecendo num ceticismo. Nele,

A pessoa vê dois ou mais lados do fenômeno e cai no ceticismo e no relativismo. Ceticismo é a personificação do relativismo. Hoje somos professores que trabalham com muitos/as alunos/as céticos e ecléticos. Eles vêem e ouvem muitos lados do fenômeno, as muitas verdades, mas não conseguem fazer a sua opção. Não conseguem selecionar um caminho possível de mudança. Assim, caem num ecletismo, onde tudo é considerado bonito, ou feio, ou válido, ou errado, ou relativo,

onde existem várias possibilidades, mas não se consegue optar por uma saída (AHLERT, 2007, p. 2-3).

Portanto, possibilitar o avanço na forma de pensar e agir demanda outros níveis do pensamento nos quais se abram possibilidades diversas para enfrentar os problemas educativos. Significa pensar dialeticamente a sociedade e o mundo, discernindo as correntes que aprisionam o pensamento. E isso demanda compreender as ideologias que prendem e iludem o ser humano bem como as formas que podem conduzi-lo a processos emancipativos e libertadores. Segundo Marques,

Requer-se uma leitura hermenêutica existencial, que faça os sujeitos conscientes de seu processo formativo histórico e vivencialmente determinado e que faça transparente, na crítica às ideologias, o contexto da vida social em todos os momentos (2003, p. 94).

Analisar as dimensões constitutivas (pessoais, profissionais e ideológicas) na formação de professores, permite contemplar a reflexão sobre a formação e desenvolvimento profissional, o conceito de dinâmica curricular que preconiza a mobilidade intelectual e a formação na práxis pautada na “referência dialética à diversidade das abordagens teórico/metodológicas e ideológicas” (MARQUES, 2003, p. 128).

Estas considerações iniciais evidenciam a necessidade de revisitarmos permanentemente a relação entre a ideologia e a formação docente. Importa, pois, identificar como o estudante percebe sua futura profissão de licenciado como: Trabalhador em educação? Profissional liberal? Autônomo? Qual o seu nível de consciência?

Além disso, as licenciaturas precisam ter clareza sobre a relevância de seus projetos de trabalho e a coerência dos mesmos com o que se denomina de função social da universidade associado às necessidades mais prementes para o presente e o futuro das sociedades. O desafio de formar sujeitos com independência intelectual, capazes de intervirem na realidade de seu campo profissional e, conseqüentemente, atuar na transformação da sociedade precisa de questionamentos permanentes, como: que idéias sócio-político-comportamentais este profissional carrega? O que vai referenciar a qualidade de trabalho desse profissional? O “mercado”? Será ele o melhor indicador?

2 | IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO

A etimologia da palavra “ideologia” provém das combinações dos termos gregos “eidos”, e “logos”, “palavra, discurso, conhecimento” e está presente nas estruturas do pensamento humano, na filosofia, na sociologia, na teologia, nas ciências sociais e políticas.

A origem da ideologia está ligada às formas de dominação social encontradas na história das sociedades orientais e antigas. Conforme István Meszáros, um exemplo

desse significado longínquo, está no discurso de Menênio Agrippa, cônsul romano do século VI a.C., dirigido aos romanos que haviam entrado em greve e ocupado o Monte Sagrado.

Segundo o tão reverenciado cônsul romano – que, em palavras típicas da Enciclopédia Britânica, era conhecido como “um homem de pontos de vista moderados” -, cada camada social tem seu “próprio lugar” no grande organismo. As camadas inferiores devem obter sua satisfação a partir da “glória refletida” e, independentemente de sua inferioridade, ser consideradas “igualmente importantes” para o funcionamento do organismo a que pertencem (MESZÁROS, 2008, p. 6).

Vê-se aqui a construção astuta de uma falsa consciência para as camadas sociais mais baixas, as camadas trabalhadoras, há mais de dois mil e quatrocentos anos. As elites econômicas e políticas vêm usando ao longo da história evolutiva das sociedades humanas o desenvolvimento de uma ideologia que mascara as relações opressoras e exploradoras de produção, de cultura, mantendo os trabalhadores e trabalhadores “enjaulados” em sua falsa consciência. Para Meszáros, a posição do cônsul romano se constitui num,

[...] poderosíssimo exercício ideológico. Segundo a lenda, os que protestavam se comoveram tanto com os “pontos de vista moderados” do cônsul que, imediatamente, abandonaram sua postura de desafio coletivo e retornaram aos lugares a eles determinados (Idem.).

Posteriormente na Europa, a desintegração dos estamentos sociais da sociedade feudal levou a burguesia ascendente a contrapor-se ao sistema de pensamentos, idéias e representações sociais tradicionais que emperravam a sua emancipação. No feudalismo o clero dominava a formação educacional. Ao confrontar o clero, a burguesia apoderou-se do método da ciência empírica e, apropriando-se da educação, desestruturou o sistema especulativo escolástico. Tais ações libertaram a pesquisa científica dos claustros, possibilitando uma ampliação do conhecimento e de informações sobre o mundo para alcançar novos saberes que confrontaram os saberes que estavam baseados somente em ídolos e por argumentação falsa. (LENK, 1974, p. 9)

Conforme Marilena Chauí,

O termo ideologia aparece pela primeira vez em 1801 no livro de Destutt de Tracy, *Eléments d'Idéologie* (Elementos de Ideologia). Juntamente com o médico Cabanis, com De Gérando e Volney, DeStutt de Tracy pretendia elaborar uma ciência da gênese das idéias, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente. Elabora uma teoria sobre as faculdades sensíveis, responsáveis pela formação de todas as nossas idéias: querer (vontade), julgar (razão), sentir (percepção) e recordar (memória) (2008, p.27).

O termo ideologia recebeu múltiplos conceitos no processo histórico até nossos dias. Tornou-se um termo controvertido e, ao mesmo tempo, um fenômeno que reúne vários sentidos. Louis Althusser, *Aparelhos Ideológicos de Estado*, entende a ideologia como “uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições

reais de existência”. (1985, p. 85) Esta afirmação Althusser sustenta em duas teses, uma positiva e outra negativa: “Tese I: A ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência.” (Idem), e a “Tese II: A ideologia tem uma existência material”. (1985, p. 88) Tal concepção nasce de sua teoria dos aparelhos ideológicos do estado.

Designamos pelo nome de aparelhos ideológicos do Estado um certo número de realidades que apresentam-se ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. Propomos uma lista empírica, que deverá necessariamente ser examinada em detalhe, posta à prova, retificada e remanejada. [...]

- O AIE religioso (O sistema das diferentes Igrejas),
- o AIE escolar (o sistema das diferentes 'escolas' públicas e privadas),
- o AIE familiar,
- o AIE jurídico,
- o AIE político (o sistema político, os diferentes Partidos),
- o AIE sindical,
- o AIE de informação (a imprensa, o rádio, a televisão, etc...),
- o AIE ,cultural (Letras, Belas Artes, esportes, etc...) (1985, p. 68).

Estas designações foram trabalhadas de forma didática na obra de Pedrinho Guareschi, *Sociologia crítica; alternativas de mudança* (1987), onde cada aparelho ideológico é apresentado de forma contextualizado, sobretudo, com ênfase na questão da escola e da comunicação, constituindo-se em texto de referência para a discussão na formação docente.

Pensadores como Slavoj Zizek, filósofo e psicanalista esloveno, e István Meszáros, filósofo húngaro, tem trazido mais consistência às discussões sobre a ideologia na atualidade. Para Zizek a ideologia significa, “[...] a noção imanente da ideologia como doutrina, conjunto de ideias, crenças, conceitos e assim por diante, destinada a nos convencer de sua ‘veracidade’, mas, na verdade, servindo a algum inconfesso interesse particular do poder.” (1996, p. 14) Entretanto também reconhece a dimensão positiva de ideologia, ou seja, sendo a ideologia um conjunto de idéias, crenças e conceitos, ela conserva um duplo sentido: negativo e positivo. Afirma Zizek:

[...] uma ideologia não é necessariamente “falsa”: quanto a seu conteúdo positivo, ela pode ser “verdadeira”, muito precisa, pois o que realmente importa não é o conteúdo afirmado como tal, mas o modo como esse conteúdo se relaciona com a postura subjetiva envolvida em seu próprio processo de enunciação. Estamos dentro do espaço ideológico propriamente dito no momento em que esse conteúdo — “verdadeiro” ou “falso” (se verdadeiro, tanto melhor para o efeito ideológico) — e funcional com respeito a alguma relação de dominação social (“poder”, “exploração”) de maneira intrinsecamente não transparente: pura ser eficaz, a lógica de legitimação da relação de dominação tem que permanecer oculta. Em outras palavras, o ponto de partida da crítica da ideologia tem que ser o pleno reconhecimento do fato de que é muito fácil mentir sob o disfarce da verdade, Quando, por exemplo, uma potencia ocidental intervém num país do Terceiro Mundo em decorrência de violações dos direitos humanos, pode ser perfeitamente “verdadeiro” que, nesse país, os direitos humanos mais elementares não tem sido

respeitados, e que a intervenção ocidental ira efetivamente melhorar o quadro desses direitos (ZIZEK, 1996, p.12-13).

Já Meszáros, em sua obra de maior fôlego sobre o tema, *O poder da ideologia*, nos alerta que,

O mito da “unidade orgânica” dominou o discurso ideológico desde que o relacionamento social teve de se conformar aos imperativos materiais de garantia da continuidade da produção dentro da estrutura potencialmente explosiva da divisão social hierárquica do trabalho, que mudou repetidamente suas formas no curso da história, mas nunca sua substância exploradora (MESZÁROS, 2014, p. 327).

Entretanto, segundo Siegfried Grossmann (1974), a palavra ideologia deriva de “idéia”. Ideologia é propriamente o ensino sobre idéias. Este significado original de compreensão está praticamente fora de moda. Em nossos dias a ideologia significa o modo de pensar de um grupo, isto é, a soma de idéias, que para um povo, um grupo social, um grupo profissional, mas também para uma comunidade religiosa torna-se uma típica visão de mundo.

Porém, hoje o significado de ideologia é visto muito mais de forma negativo. O dicionário alemão Dtv-Lexikon define a ideologia como: “[...] os modos de pensar e os valores associados a uma classe social ou interesses econômicos e políticos, especialmente quando servem como justificação e interesses reais”. (IDEOLOGIE, 1967, p. 112).

Assim, ideologia é uma visão de mundo com um significado típico de características de estranhamento com o mundo, com distância da realidade e, às vezes, de um sectarismo exagerado. Por isso a moderna sociologia se ocupou fortemente com seu significado, compreendendo-a como crítica ideológica. Entretanto, acredita-se que sem ideologia nenhuma pessoa consegue subsistir, pois ela lhe esclarece a miséria sob a qual penaliza e também lhe inspira a esperança por uma redenção dessa miséria, e lhe preenche com uma visão de que pode vencer a injustiça e a dor que este mundo lhe impõe (GROSSMANN, 1974).

Ideologias brotam de situações de miséria e dor. Elas são uma resposta ao medo e desespero. Por isso possuem um sentido. Mas ideologias permanecem poucas vezes em seus sentidos iniciais. Por isso seu significado negativo na atualidade é necessário e importante, pois existem grandes riscos de escolhas e confrontos errados e que devem ser evitados em todos os processos de ensino e aprendizagem.

Um dos aspectos perigosos que caracterizam o termo “ideologia” é a que ela promete uma panacéia. Ela espalha um otimismo e uma fé esperançosa, que pode ser comparada quase a uma “certeza de salvação”. Por isso tem um forte caráter religioso. Seu modelo de pensamento explica completamente o mundo. Isso torna plausível para quem segue ideologias acreditar em todas as razões por ela disseminadas de porque os sintomas deste mundo ser tão ruins, e o que podemos fazer para, não apenas melhorar um pouco este mundo ruim, mas salvá-lo completamente. Na maioria das vezes, a ideologia enfatiza e declara uma mudança radical, proclamando uma

verdadeira panacéia. Enquanto uma ideologia apresenta suas próprias sugestões como remédio milagroso, ao mesmo tempo afirma que outros remédios são venenos (GROSSMANN, 1974).

Outra característica é a de que cada ideologia apresenta seu histórico de significado próprio. Este geralmente está baseado em uma boa condição original, isto é, no caso do marxismo é o comunismo primitivo, e então estabelece como pecado o desenvolvimento da propriedade privada, traz a salvação através de um salvador que é a revolução proletária, e promete o novo paraíso, a sociedade sem classes. Em nome disso, o stalinismo cometeu horrores na primeira metade do século XX.

Como confirmam os arquivos hoje acessíveis, a coletivização forçada do campo foi uma verdadeira guerra declarada pelo Estado soviético contra toda uma nação de pequenos produtores. Mais de dois milhões de camponeses deportados, dos quais 1.800.000 apenas em 1930-1931, seis milhões mortos de fome, centenas de milhares mortos durante a deportação: esses números dão a medida da tragédia humana que foi o “grande assalto” contra os camponeses. Longe de limitar-se ao inverno de 1929-1930, essa guerra durou pelo menos até meados dos anos 30, culminando nos anos 1932-1933, marcados por uma fome terrível, deliberadamente provocada pelas autoridades para quebrar a resistência dos camponeses. A violência exercida contra os camponeses permitiu experimentar métodos posteriormente aplicados a outros grupos sociais. Nesse sentido, ela constitui uma etapa decisiva no desenvolvimento do Terror stalinista (COURTOIS, 1999, p.74).

Estes horrores, porém, não pararam por aí. A ideologia genocida foi muito além, segundo dados de pesquisas históricas registradas:

- 6 milhões de mortos como consequência da fome de 1932-1933, uma catástrofe amplamente imputada à política de coletivização forçada e de antecipação predatória feita pelo Estado sobre as colheitas dos kolkhozes; - 720.000 execuções, das quais mais de 680.000 apenas nos anos de 1937-1938, subsequentes a uma paródia de julgamento feita por uma jurisdição especial da GPU-NKVD; - 300.000 óbitos atestados nos campos de concentração entre 1934 e 1940; cerca de 400.000 para toda a década, números que, sem dúvida, podemos generalizar para os anos de 1930-1933, anos sobre os quais não dispomos de dados precisos, sem contar o número inverificável de pessoas mortas entre o momento de sua prisão e seu registro como “os que entram” pela burocracia penitenciária; - cerca de 600.000 óbitos atestados entre os deportados, “deslocados” e colonos especiais; - cerca de 2.200.000 deportados, deslocados ou colonos especiais; - um número acumulado de 7 milhões de pessoas que deram entrada nos campos de concentração e colônias do Gulag entre 1934 e 1941, com dados insuficientes para os anos 1930-1933.(COURTOIS, 1999 p.105).

Forma similar de ideologia foi o nacional-socialismo ou nazismo. Nele história e tradição são inflados. A ideologia nazista não se dispõe para aprender com a história, mas a usa apenas como justificativa para sua ação atual. Para alcançar seus objetivos, o regime fez uso de um discurso psicossocial que criou a devoção da população pelo projeto político-ideológico de Hitler.

O discurso ideológico pressupõe a suficiência de uma idéia para gerar uma compreensão coerente e abrangente do mundo. Logo, contém em si elementos totalitários prontos para se manifestar, para revelar sua estrutura, através de uma ação totalitária. Eichmann se descrevia como um homem capaz de viver para um ideal, sacrificando qualquer coisa em seu favor. Para salientar essa perfeita

devoção, disse que mataria o próprio pai se isso lhe fosse exigido. Em outras palavras, ser idealista não significa deixar de vender a alma ao diabo; significa somente a possibilidade de uma venda absoluta (MARTINELLI, 2005, p. 178).

Munido da suficiência de uma idéia, o nazismo desenvolveu uma ideologia que sustentava a superioridade de uma raça que deveria dar sustento ao projeto mundial do partido. Esta ideologia se materializou através de imagens, literatura e movimentos de rua para dar musculatura à imagem do grande líder e salvador da nação.

A ideologia calcada na idéia de superioridade racial pressupõe, de sorte, que o indivíduo de sangue ariano se dilua no “corpo” social. Era a melhor forma de se alcançar a eficiência desejada pelo Partido. A propaganda nazista se encarregou, através de fotos, publicações, desfiles e marchas, de criar e manter o mito do “Líder”, da “Nação”, da “Vitória”, do “Partido”, proporcionando um alimento mental à massa desacreditada (CAETANO, 2010, p. 8).

O nacional-socialismo, ou nazismo, tornou-se uma lógica da própria idéia de uma cultura superior, uma raça superior e a descoberta de culpados pela ainda não realização dessa idéia de um mundo segundo os princípios dessa ideologia.

As ideologias — os ismos que podem explicar, a contento dos seus aderentes, toda e qualquer ocorrência a partir de uma única premissa — são fenômeno muito recente e, durante várias décadas, tiveram papel insignificante na vida política. Somente agora, com a vantagem que nos dá o seu estudo retrospectivo, podemos descobrir os elementos que as tornaram tão perturbadoramente úteis para o governo totalitário. As grandes potencialidades das ideologias não foram descobertas antes de Hitler e de Stálin (ARENDR, 1979, p. 235).

A força das ideologias acima citadas se pretendia científicidade para confirmar e conformar toda a sua contundência e virulência. Foram pessoas acadêmicas, muito bem formadas em instituições universitárias, que deram guarida e sustento ideológico aos discursos nazi-fascistas.

As ideologias são notórias por seu caráter científico: combinam a atitude científica com resultados de importância filosófica, e pretendem ser uma filosofia científica. A palavra “ideologia” parece sugerir que uma idéia pode tornar-se o objeto do estudo de uma ciência, como os animais são o objeto de estudo na zoologia, e que o sufixo *-logia* da palavra ideologia, como em zoologia, indica nada menos que os *logoi* — os discursos científicos que se fazem a respeito da idéia. Se isso fosse verdadeiro, a ideologia seria realmente uma pseudociência e uma pseudofilosofia, violando ao mesmo tempo os limites da ciência e os da filosofia. (ARENDR, 1979, p. 235).

No mesmo contexto também devemos colocar o neoliberalismo, uma forma política e econômica, travestida de liberalismo que promete liberdade total, mas para o mercado. “A ideologia neoliberal contemporânea é, fundamentalmente, um liberalismo econômico, que exalta o mercado, a concorrência e a liberdade de iniciativa privada, rejeitando veemente a intervenção estatal na economia”. (CARINHATO, 2008, p. 30).

Esta economia política transformou-se numa das ideologias mais poderosas para pilhar as economias ocidentais e concentrar renda e riquezas nas mãos de cada vez menos pessoas.

Como se instaurou a neoliberalização e quem o fez? A resposta em países como o Chile e a Argentina nos anos 1970 foi tão simples quanto rápida, brutal e segura:

um golpe militar apoiado pelas classes altas tradicionais (assim como pelo governo norte-americano) seguido pela cruel repressão de todas as solidariedades criadas no âmbito dos movimentos trabalhistas e sociais urbanos que tanto ameaçaram seu poder. Mas a revolução neoliberal que se costuma atribuir a Thatcher e Reagan, a partir de 1979, tinha de ser instaurada por meios democráticos. A ocorrência de uma mudança de tamanha magnitude exigia que se construísse antes o consentimento político num espectro suficientemente amplo da população para que se ganhassem eleições (HARVEY, 2008, p. 49).

O consentimento político das massas para permitir sua própria espoliação pelos donos do poder político e econômico necessita sempre de uma idéia-força. A construção de um senso comum que acredita que cada um é responsável pela suas conquistas, sobrevivência e que o estado mínimo serve apenas para dar garantia jurídica, institucional e militar aos donos do poder e do dinheiro.

O senso comum é construído com base em práticas de longa data de socialização cultural que costumam fincar profundas raízes em tradições nacionais ou regionais. Não é o mesmo que bom senso, que pode ser construído a partir do engajamento crítico com as questões do momento. Assim sendo, o senso comum pode ser profundamente enganoso, escamoteando ou obscurecendo problemas reais sob preconceitos culturais'. Valores culturais e tradicionais (como a crença em Deus e no país ou concepções da posição das mulheres na sociedade) e temores (de comunistas, imigrantes, estrangeiros ou "outros" em geral) podem ser mobilizados para mascarar outras realidades. Podem-se invocar *slogans* políticos que mascarem estratégias específicas por trás de vagos artificiais retóricos. A palavra "liberdade" ressoa tão amplamente na compreensão de senso comum que têm os norte-americanos que se tornou "um botão que as elites podem pressionar para abrir a porta às massas" a fim de justificar quase qualquer coisa. Foi assim que Bush pôde justificar retrospectivamente a guerra do Iraque. (Idem).

Este discurso ideológico está baseado numa concepção muito particular de liberdade defendida por Friedrich Hayek e desprovida de toda uma longa construção histórico-filosófica de liberdade.

[...] a ideologia que embasa o discurso e que interpela os sujeitos está expressa na reformulação do conceito de liberdade a la Hayek (1987), na proposta de direitos mínimos que não prevêm o direito à igualdade pela ação do Estado (políticas públicas) e na crítica ao socialismo real/desenvolvimentismo. Volta aqui novamente a idéia de amor à Pátria. Friederich Von Hayek (1987) é um dos founding fathers da teoria neoliberal" (ALVES, 2005, p. 11).

Assim, a ideologia neoliberal toma formas de uma religião do mercado, no dizer de Alceu R. Ferraro:

Mais recentemente, Hobsbawm referiu-se ao neoliberalismo como a era da teologia do neoliberalismo, a ideologia do livre mercado, a teologia neoliberal na década de 1980. O mesmo autor qualifica os neoliberais de especuladores metafísicos do Fim da História, fanáticos do laissez-faire, teólogos do livre mercado, teólogos econômicos ultraliberais e profetas no deserto durante a Era de Ouro, quando quase todos os estados rejeitavam, deliberada e ativamente, a supremacia do mercado e acreditavam na administração e planejamento da economia pelo Estado (FERRARO, 2005, p. 102).

A ideologia neoliberal preconiza o Estado mínimo, exigindo que cada indivíduo seja o único responsável por si mesmo e acredite apenas no indivíduo e rejeite a ideia da existência de uma sociedade/comunidade, cujo resultado histórico tem sido

unicamente o do acúmulo e centralização da economia e da riqueza nas mãos de um grupo cada vez menor de ricos do mundo.

Tais questões nos levam à relação entre ideologia e educação. Hannah Arendt nos lembra que as ideologias nos levam para o totalitarismo: “[...] é a verdadeira natureza de todas as ideologias que se revelou no papel que a ideologia desempenhou no mecanismo do domínio totalitário (1979, p. 238) . Por isso, a educação deve proporcionar aos estudantes todas as formas de compreensão da história, sem unilateralidade, pois a formação por um único viés ideológico leva a formação de sujeitos sem autonomia e independência de escolha. A educação desde a modernidade tem um papel fundamental na constituição de um sujeito livre, independente e autônomo. E o condicionamento de uma visão ideologizada de mundo através do processo educacional fragmenta a formação do sujeito para este tornar-se frágil diante da escolha dos melhores caminhos para uma vida de paz, saúde e felicidade.

O condicionamento ideológico através da educação ofusca a realidade e pode conduzir para uma doutrinação. Segundo Hanna Arendt (1979, p. 238):

O sexto sentido é fornecido exatamente pela ideologia, por aquela doutrinação ideológica particular que é ensinada nas instituições educacionais, estabelecidas exclusivamente para esse fim, para treinar os “soldados políticos” nas Ordensburgen do nazismo ou nas escolas do Comintern e do Cominform. A propaganda do movimento totalitário serve também para libertar o pensamento da experiência e da realidade; procura sempre injetar um significado secreto em cada evento público tangível e farejar intenções secretas atrás de cada ato político público.

No Brasil a sociologia crítica vê a escola como um aparelho ideológico que tem como objetivo sustentar e reproduzir a dominação do modelo econômico sobre o conjunto das sociedades. Pedrinho Guareschi entende que a educação tem papel destacado na ideologia que mantém o sistema de exploração humana. Para ele, “A escola faz parte da superestrutura, que são instituições criadas para reproduzir e garantir as relações de produção”. (GUARESCHI, 1987, p. 69)

Conseqüentemente, a escola teria servido aos interesses dos poderosos ao longo da história. Seu objetivo é domesticar cidadãos individualizados e dóceis e produção de mão-de-obra obediente para o desenvolvimento industrial. Ao mesmo tempo sua tarefa também foi, e continuaria sendo, a reprodução das relações de dominação e exploração que sustentam o desenvolvimento do capitalismo. Por isso a produção ideológica perpassa as teorias do ensino e da aprendizagem.

Guareschi, assume uma visão tanto negativa, quanto positiva do conceito de ideologia, divide as teorias do ensino e da aprendizagem em duas grandes matrizes: a matriz dos condicionamentos, ou comportamental e a matriz dialogal.

A primeira está identificada com uma ideologia do *status quo*, de uma sociedade de dominação de classe. Nela a educação é um processo no qual o professor e a professora são ativos e os estudantes passivos, todos obedientes a programas bem definidos e planejados mediante conteúdos fechados.

A ideologia que se esconde por detrás da teoria dos condicionamentos é extremamente favorável aos donos do capital, pois quanto mais trabalhadores existirem que não pensam, que não questionam, mas apenas executam tarefas obedientemente, mais lucro e menos problemas a empresa terá. Uma escola que desempenhe tais objetivos será a melhor escola para o sistema capitalista. O decidir pensar, criar, é deixado para um pequeno grupo de privilegiados, que receberão uma formação dentro de escolas privilegiadas, onde não faltarão nem verbas nem recursos de todo tipo. Mas serão bem poucos os que podem pertencer a essa elite (GUARESCHI, 1987, p. 73).

A segunda, uma proposta educativa dialógica que compreende o professor e a professora como mediador e os estudantes como sujeitos da aprendizagem e do conhecimento. Nela o educador, “é o que sabe fazer a pergunta, no momento exato, colocando o aluno em contradição, obrigando-o, assim, a solucionar ele mesmo essa contradição e colocando-o num processo de caminhada autônoma, independente. É essa prática que leva a uma educação autônoma e libertadora.” (GUARESCHI, 1987, p. 78) A escola torna-se, assim, um conjunto de ideias, pensamentos e crenças que engendram uma prática transformadora e libertadora.

No contexto da Educação Física, Jorge S. P. Gallardo defende uma formação humanizada. “A humanização é um processo de complexificação irreversível, cuja originalidade está na capacidade do ser humano em agir e nessa ação poder transformar o meio” (2009, p. 87).

Essa humanização passa pela dimensão ideológica que desenvolva o

[...] compromisso social com ênfase na concepção histórico-social do trabalho, estimulando análises políticas sobre as lutas históricas pela superação da sociedade de classes, para que seja garantido o acesso aos bens a todos que dele participam em sua produção, especificamente no campo da cultura corporal (TAFFAREL et. all., 2007, 47).

As reflexões acima são fundamento teórico para pesquisar sobre o perfil sócio-demográfico e ideológico dos licenciandos dos cursos de Educação Física. A formação inicial, especificamente no período acadêmico e início da docência, se configura como uma fase de relevada importância para uma atuação e desenvolvimento profissional docente.

Acreditamos ser questão fundamental para a discussão sobre a formação docente saber como os licenciandos compreendem a sociedade na qual vivem e como se posicionam político-ideologicamente.

3 | PERFIL IDEOLÓGICO DOS ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE

O curso de educação Física da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE se origina da antiga Faculdade de Ciências Humanas de Marechal Cândido Rondon (FACIMAR), que no ano de 1984 estruturou o Curso de Educação Física. Em 1987 deu-se o reconhecimento do curso, quando a FACIMAR foi estadualizada,

passando a integrar a então criada Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE.

3.1 Trajetórias da pesquisa com estudantes da Licenciatura em Educação Física da UNIOESTE

De acordo com Lakatos e Marconi (2000), as mudanças das coisas na concepção dialética não podem ocorrer necessariamente sobre a forma quantitativa, pois irão se transformar em certo momento em qualidade como tem ocorrido com as mudanças no desenvolvimento da sociedade capitalista industrial. Portanto, reconhecer que toda realidade é movimento e que todo movimento é realidade, e que o movimento sendo universal assume as formas quantitativas e qualitativas, interligadas entre si e que se transformam uma na outra.

A abordagem da pesquisa caracteriza-se como quanti-qualitativa ao articular a quantificação da coleta de dados, onde a análise estatística é quantificada através de tabelas. A relação entre quantidade e qualidade ocorre pelo fato “[...] de analisar a mudança contínua, lenta ou a descontínua, através de ‘saltos’. [...] A mudança qualitativa não é obra do acaso, pois decorre necessariamente da mudança quantitativa” (LAKATOS; MARCONI, 2000, p. 103-104).

Segundo Mendonça; Rocha; Nunes (2008), o método defende a concepção de que o conhecimento é um movimento que se dá no processo da lutas de classes. Assim, a ciência e a pesquisa pode se constituir num fenômeno que mantém o *status quo da* sociedade capitalista. Por outro lado, pode ser um instrumento para que as classes trabalhadoras e intelectualidade conjuguem esforços em favor de seus interesses. Dessa forma, a ciências podem tornar-se alavancas substanciais na compreensão das contradições do sistema no campo do conhecimento.

Quanto aos objetivos, a natureza da pesquisa é exploratória, buscando identificar quem são, o que pensam e o que fazem os licenciandos do curso de Educação Física – Licenciatura em questão.

Essa forma de pesquisa se constitui em levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, e análise de exemplos que estimulam a compreensão. Ela também pode ser classificada como pesquisa bibliográfica e estudo de caso (GIL, 2007).

3.2 População e amostra

Para focar o olhar sobre os licenciandos em Educação Física nas formas de pensar e expressar suas concepções ideológicas e políticas, foram considerados os estudantes de um curso de Educação Física – Licenciatura em uma universidade pública na região oeste do Paraná.

Foram considerados na pesquisa para efeito de estudo, o 2º os 4º Anos de Educação Física – Licenciatura, dos anos de 2015 e 2017.

3.3 Instrumentos de pesquisa e análise

Para a pesquisa com licenciandos utilizou-se como instrumento um questionário com 25 perguntas ordenadas, abrangendo 2 eixos: a) Perfil demográfico e b) Perfil ideológico. O questionário sobre o perfil ideológico foi adaptado do questionário online “Qual é o seu Perfil Ideológico”, (Folha de São Paulo, 2013)¹, que, segundo o Site Charlezine – Conteúdo Inteligente, foi

[...] criado pelo Data Folha para aplicar esse tipo de pesquisa no Brasil é uma adaptação de pesquisas internacionais. Este teste para a *internet* foi elaborado com base no questionário do instituto. Já os agrupamentos ideológicos foram feitos a partir da tipologia política do *Pew Research Institute* em estudos sobre o comportamento político (<http://charlezine.com.br/teste-perfil-ideologico/>).

No ano de 2015 o questionário foi respondido por 12 licenciandos do 2º Ano, de um total de 17 estudantes matriculados, e por 13 licenciandos do 4º Ano, de um total de 19 estudantes matriculados. No ano de 2017 o questionário foi respondido por 13 licenciandos do 2º Ano, de um total de 26 estudantes matriculados, e por 03 licenciandos do 4º Ano, de um total de 11 estudantes matriculados.

O questionário foi acompanhado do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TECLE), como parte integrante do Programa de Ciência e Tecnologia da Unioeste, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Parecer Consubstanciado do CEP, CAAE nº 62645716.5.0000.0107, com Parecer sob o nº 2.195.140.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa teve como objetivo conhecer as posições sócio-comportamentais e de influências políticas dos licenciandos do curso de Educação Física com a finalidade de traçar seu perfil ideológico. Porém, para melhor compreender as opções ideológicas dos estudantes, consideramos necessário conhecer também seu perfil demográfico.

4.1 Perfil demográfico de licenciandos em Educação Física

Os resultados sobre o perfil demográfico se constituem com base em gênero, idade, formação básica, renda familiar e hábitos culturais.

4.2 Perfil de gênero dos estudantes de Educação Física - Licenciatura

Período da Pesquisa	Masculino	Feminino	Total de respostas
2015	8	17	100,0
2017	8	8	100,0
Total por gênero	16	25	100,0
Total por gênero %	39%	61%	100%

Tabela 1 – Proporção de licenciandos por gênero

Fonte: Os autores, 2018.

1 <http://www1.folha.uol.com.br/infograficos/2013/10/78574-qual-e-a-sua-ideologia.shtml> .

O gênero feminino dos que responderam as questões da pesquisa representa a maioria com 61% dos estudantes de licenciatura em comparação ao gênero masculino numa proporção de 39% de estudantes de licenciatura em Educação Física. Estes índices se inserem na tendência da média nacional de docentes da Educação Básica. A pesquisa nacional da UNESCO publicada em 2004 sobre *O Perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*, apontava que, “Segundo os dados da pesquisa, dentre os professores brasileiros, 81,3% são mulheres e 18,6% são homens” (UNESCO, 2004, p. 44).

Sabe-se que conceito de feminização do magistério não se refere apenas na participação maciça de mulheres nos quadros docentes, mas também na adequação do magistério às características associadas tradicionalmente ao feminino, como o cuidado.

A profissionalização dos educadores/educadoras oferece indicações para uma reflexão sobre a quantidade de homens e mulheres envolvidos com o magistério. A feminização da profissão tem, provavelmente, um viés econômico, na perspectiva de deixar aos homens a procura pelas de profissões com melhores salários, permitindo, assim, que a profissão docente liberasse para a mulher-professora garantir um complemento econômico familiar.

4.3 Faixa etária dos estudantes de Educação Física - Licenciatura

O Brasil passou a experimentar um melhor enquadramento de estudantes do ensino superior em idade adequada para este nível quanto a sua primeira graduação, ou seja, na faixa de idade entre 18 e 24 anos. Dados do IBGE de 2015, que aferiram este índice, mostraram que cresceu significativamente, desde 2004, a faixa etária de jovens entre 18 e 24 anos, que naquele ano estava em 32,9%. Já em 2014, os estudantes matriculados no ensino superior com idade entre 18 e 24 anos passou para 58,5%. Trata-se de um salto de mais de 30 pontos percentuais no número de estudantes em idade universitária mais adequada.

No caso da região Sul este índice saltou de 50,5% para 72,2%, conforme o gráfico abaixo.

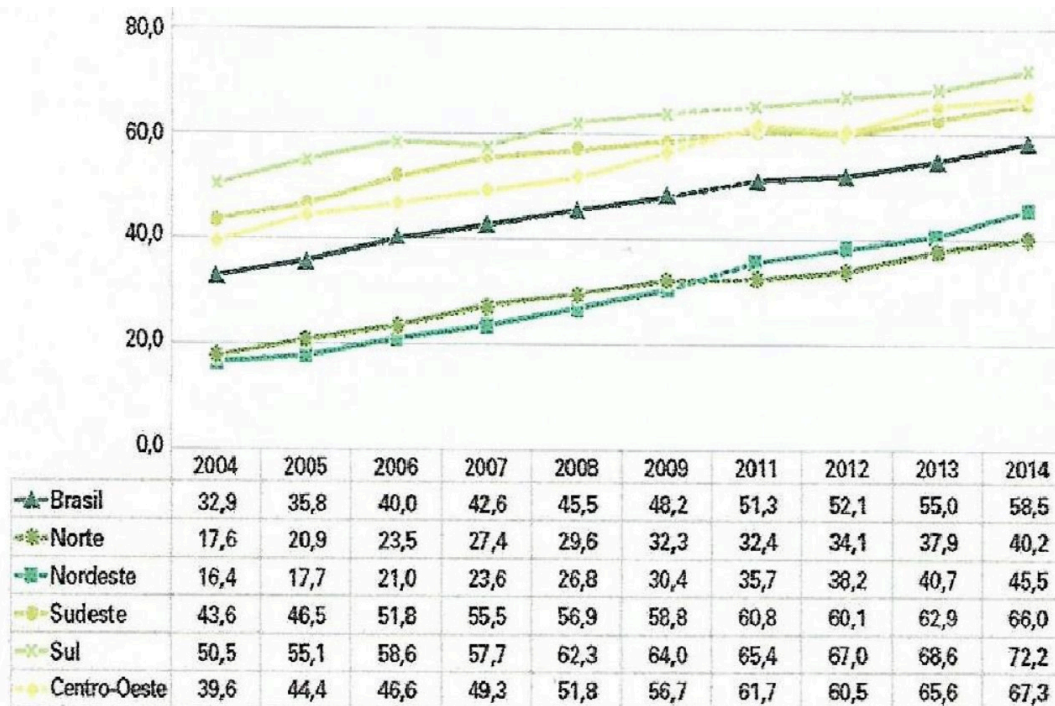


Gráfico 1: Proporção dos estudantes de 18 a 24 anos de idade que frequentam o ensino superior, por sexo e cor ou raça - Brasil - 2004/2014

Fonte: IBGE, 2015, p. 52.

No caso do curso de Educação Física – Licenciatura, que analisamos a partir da totalidade das respostas, 95% dos estudantes pesquisados compõe a estatística de jovens com até 29 anos matriculados em um dos 4 anos da graduação em Educação Física - Licenciatura.

Faixa etária	Número de respostas	Total	Percentual %
16 a 19 anos	9	9	22%
20 a 29 anos	30	30	73%
30 a 39 anos	2	2	5%
40 a 49 anos	0	0	0%
Total	100,0	100,0	100,0

Tabela 2 – Proporção de estudantes por faixa etária

Fonte: Os autores, 2018.

Este dado está dentro dos índices relativos a região Sul do Brasil averiguado pelo IBGE, com dados de 2015. Portanto, os alunos de Educação Física – Licenciatura encontram-se, na sua maioria, na melhor faixa etária para o ensino superior. Apenas 5% estão acima dos 30 anos de idade.

4.4 Instituições de ensino responsáveis pela formação básica dos estudantes de Educação Física - Licenciatura

Uma boa formação na Educação Básica é condição para um estudantes que possa desenvolver todas as sua potencialidades na academia, para um confronto

com as ciências que possibilitem uma educação emancipadora. A boa formação para a licenciatura dos novos profissionais impacta no projeto educacional de um país. Os cursos de licenciatura devem preparar os futuros professores para dialogarem com a nova realidade da sala de aula, atuando como mediadores e facilitadores de aprendizagem que se colocam na dimensão libertadora dos seres humanos.

Sobre a formação básica dos estudantes de Educação Física – Licenciatura, colhemos os seguintes dados:

Formação Básica	Número de respostas	Total	Percentual %
Escola pública	33	33	81%
Escola privada	6	6	14%
Escola Comunitária	00	00	00
Não responderam	2	2	5%
Total	100,0	100,0	100,0

Tabela 3 – Instituições onde os licenciandos obtiveram a sua Formação Básica

Fonte: Os autores, 2018.

Quanto ao tipo de instituição (Tabela 3) na qual os participantes da pesquisa realizaram sua formação básica, 81% afirmam ter estudado em escolas públicas, enquanto que apenas 14% estudaram em instituições privadas. 5% não informaram o tipo de sua formação básica.

Quando a maioria confirma a escola pública, isso demonstra a importância da escola pública para a maioria dos que acederam ao curso de Educação Física em uma universidade pública, no caso a UNIOESTE, que no último RUF (Ranking Universitário Folha) está na 53ª posição dentre as 107 universidades públicas avaliadas (RUF, 2018, p.7).

Portanto, cabe aqui a lembrança de que num país como o Brasil, no qual a maioria da população é marcada por uma desigualdade social e de renda absurda. Segundo dados da OXFAM,

A grande maioria dos brasileiros tem uma renda média per capita de até um salário mínimo por mês. Considerando os valores de 2015, ano da última Pnad, seis em cada 10 pessoas têm uma renda domiciliar per capita média de até R\$ 792,00 por mês. De fato, 80% da população brasileira – 165 milhões de brasileiras e brasileiros – vivem com uma renda per capita inferior a dois salários mínimos mensais (OXFAM BRASIL, 2017, p.21).

Neste sentido, a escola pública é a única possibilidade de possibilitar a construção de uma sociedade mais justa do ponto de vista econômica. Considerando que 80% dos brasileiros vivem com menos de dois salários mínimos mensais, a escola pública e gratuita é condição única para o acesso a cultura, ciência e tecnologia para essa grande maioria.

4.5 Situação econômica familiar dos estudantes de Educação Física - Licenciatura

A situação econômica de uma família tem relação decisiva para a qualidade da formação intelectual das pessoas, pois ela é condição para dedicação exclusiva aos estudos, acesso a bens materiais e culturais, dentre eles livros, revistas, jornais, viagens, teatro, cinema, meios de comunicação culturais diferenciados como TV a cabo, Netflix, etc. Por isso questionamos os estudantes sobre sua renda familiar.

Renda Familiar	Número de respostas	Total	Percentual %
Mais de 15 SM	2		6%
De 5 a 15 SM	11		25%
Até 5 SM	28		69%
Total	100,0	100,0	100,0

Tabela 2—Proporção de estudantes segundo a renda familiar mensal

Fonte: Os autores, 2018

Os dados constataram que 69% vivem em famílias com menos de 5 SM, isto é, menos de R\$5.000,00. Trata-se, portanto, de estudantes oriundos em sua maioria da classe trabalhadora, localizados na estrutura ou na hierarquia social própria de um senso comum que costuma associar classe à posição ocupada pelos indivíduos na hierarquia social. Segundo A. Singer, se encontram “[...] dentro da faixa na qual o economista Waldir Quadros inclui ocupações como balconista, professor de ensino fundamental, auxiliar de enfermagem, auxiliar de escritório, recepcionista, motorista, garçom, barbeiro, cabeleireira e manicure” (2013, p.31)

Considerando o percentual acima, apontamos para uma situação que pode influenciar a própria condição de se pensar a docência como uma profissão que deve estar situada numa faixa econômica inferior. A desvalorização da profissão docente segundo o estudo da UNESCCO (2004), está refletida, de um modo geral, nos baixos salários, na relação com a renda familiar dos educadores/educadoras, e, conseqüentemente da origem desses novos aspirantes ao quadro docente, a assimilar a questão da “pauperização” dos professores do ensino básico, particularmente os da rede pública. A pesquisa nacional da UNESCO assim descreve tal condição:

Os professores deixaram de ganhar um salário digno, deixaram de ter uma carreira atraente, passaram a ter muita dificuldade de se manter como cidadãos. O professor é um profissional que tem que ler, viajar, escrever, ter acesso aos bens de cultura e isso durante muitas décadas foi sendo destruído e aliado de seu alcance. Eu não acredito que foi só para o professor, foi para toda a população de profissionais do país, mas em particular isso deixa uma marca extremamente pernicioso no professor. Porque um profissional que não tem uma preparação prévia uma atualização em serviço e condições de se tornar um cidadão e um profissional cada vez mais sábio, mais experiente, mais cidadão do mundo, com olhar para o seu país, para sua localidade, para sua cidade, para seu bairro, mas

uma pessoa que se vê como integrante deste planeta com toda cultura que a inteligência humana tem criado, se ele não tem a possibilidade do acesso, como é que ele abre estes caminhos na escola? (ASSIS, 2004, apud UNESCO, 2004, p.62).

Para a valorização do capital, todas as atividades precisam estar aptas a contribuir à sua preservação, incluindo-se a educação, para ser um processo produtivo, precisa se submeter aos mesmos critérios de eficiência capitalista, sendo necessário curvar seus trabalhadores. Assim, manter os salários dos trabalhadores em educação na base da pirâmide social permite ao sistema capitalista perpetuar-se em seu modelo concentrador de renda e riquezas e inibir qualquer possibilidade de transformação da sociedade. Para I. Mészáros,

Limitar uma mudança educacional às margens corretivas do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa. Do mesmo modo, contudo, procurar margens de reforma sistêmica na própria estrutura do sistema do capital é uma contradição em termos. É por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente (2008, p. 27).

Condenados a trabalhadores reprodutores da ideologia de ideologias e, portanto, atrelados a subvalorização na educação, pode a escolha pela profissão docente estar subjetivamente condicionada pela própria origem econômica familiar. É muito raro filhos de classe média escolherem a profissão docente para sua graduação em universidade. A pesquisa atesta que 69% dos estudantes de licenciatura em Educação Física são oriundos de famílias com renda familiar até 5 salários mínimos.

4.6 Acesso de estudantes de Educação Física – Licenciatura a bens culturais

Vivemos cada vez mais uma crise na cultura, sobretudo a relacionada à educação no contexto da crise mais ampla da sociedade. Pensar no acesso a bens culturais menos submetidos pela ideologia dominante do capital significa ter na cultura a contribuição na formação dos indivíduos com autonomia de pensamento, capazes de perceber a educação para além do capital e, conseqüentemente, menos disposta a reprodução da sociedade de consumo. Significa compreender a inclusão e a exclusão de indivíduos de grupos ao poder, pois, quando se fala de cultura se fala se fala também de poder. Somente uma boa formação cultural possibilita o desejo da democracia enquanto a partilha das ideias e construção de práticas participativas de formação para a cidadania.

A construção dos argumentos em favor de uma educação transformadora e crítica precisa capacitar a cidadania frente a manipulação ideológica do capital e seus mercados que usa e controla os grandes meios de comunicação de massa e influencia o cotidiano das pessoas através das redes sociais. É disso que nos fala o filósofo Louis Althusser, que busca explicar a construção da hegemonia a partir do conceito de *Aparelhos Ideológicos de Estado* através dos meios de comunicação.

Neste sentido, Althusser é referência ao fazer a interligação entre os instrumentos

de dominação ideológicos, a partir do conceito de superestrutura, com os instrumentos de dominação econômica, a partir do conceito de infraestrutura. Daí a importância de se perceber como os estudantes de licenciatura em Educação Física acessam os bens culturais enquanto instrumentos de formação, informação e desenvolvimento cultural.

Hábitos de mídia	Número de respostas	Total de percentuais (%)
Jornais	8	19%
Revistas	4	10%
TV	24	59%
Internet	5	12%
Leitura de livros	Sim (6) Não (24) Não responderam (11)	Sim (15%) Não (59%) Não responderam (26%)
Total	100,0	100,0

Tabela 3 – Proporção de estudantes de Educação Física – Licenciatura segundo hábitos de mídia para informação e leitura de livros

Fonte: Os autores, 2018

Dos 41 estudantes que participaram da pesquisa, apenas 19% afirmaram ter o hábito de ler jornais, deste total 15% lêem o jornal *O Presente*, um jornal com tiragem de circulação microrregional do extremo oeste do Paraná, que até 2015 possuía cinco edições semanais e que a partir de 2016 reduziu suas edições para duas edições semanais. *O Jornal*, veículo local de circulação semanal, foi citado por 01 entrevistado.

Depreende-se que os estudantes de graduação em questão tem dificuldade de articular uma leitura de mundo de sua realidade em nível local, interconectada com a realidade regional, nacional e internacional de seu país. Os poucos que afirmam contato com jornalismo impresso têm informações jornalísticas precárias e profundamente condicionados a um jornalismo pobre que beira o panfletário.

Em seguida tem-se que 10% dos entrevistados afirmando possuir o hábito de leitura de revistas. As revistas citadas, pasmem, são a *Veja* (1 referência), *Fitness* (1 referência), *Capricho* (1 referência), *Quatro Rodas* (1 referência).

Nenhuma das quatro revistas citadas tem caráter educativo. Todas estão, de alguma forma, voltadas ao consumo, e todas pertencentes a Editora Abril, que foi fundada pelo ítalo-americano Victor Civita que, vindo para o Brasil em 1949, lançou uma revista para o público infantil (Pato Donald) na década de 1950. A partir daí o seu império não parou de crescer, chegando a ser o maior parque gráfico da América Latina e a *Veja* a revista de maior tiragem do país. A revista *Veja*, é o supra-sumo do consumo ideológico neoliberal.

Para Carla Luciana Silva,

A ação da revista é múltipla: formula um programa, organiza e gerencia, agindo pedagogicamente em torno dele. Todas estas são ações *partidárias*, nos modelos proposto por Gramsci, que entende jornais e revistas como partes ativas do processo histórico. Segundo ele, as revistas e jornais são um eficiente meio de organizar e difundir determinados tipos de cultura. A cultura não é algo contemplativo ou

fruto da experiência individual e isolada, mas algo complexo, parte do processo histórico, fruto de uma ação coletiva, sinônimo de ideologia. Por isso, ela não pode ser desvinculada de seu contexto político e econômico. Isso dá um papel muito mais importante para os meios de comunicação no mundo contemporâneo, pois permite vê-los como um espaço de disputa e conflitos presentes na sociedade em que estão inseridos. (SILVA, 2009, p. 20).

Isto significa que, na relação das revistas com seus leitores, impera uma determinada forma de enxergar a realidade. Os discursos das revistas apresentam as relações de mercados como a única relação cultural e suas pretensões são o consumo de idéias neoliberais, consumo de serviços, de cultura e de bens materiais que patrocinam suas edições.

Televisão é o meio de informação e formação cultural assinalado por 51 % dos entrevistados. 26% indicaram a Rede Globo de Televisão como principal canal televisivo. 7% indicaram a emissora SBT e apenas 1 respondente dos questionários indicou a Rede Record de Televisão. Todas elas são TVs abertas com programações essencialmente de cunho comercial, isto é, patrocinadas por empresas que visam criar a mentalidade e a necessidade de consumir determinados produtos e determinada ideias políticas e sociais que beneficiam os patrocinadores, em última análise, ao mercado. Apenas um respondente afirmou ser a Netflix seu canal cultural de preferência, e 12% dos entrevistados declararam os canais de esporte como preferidos.

Tem-se daí um quadro que permite sustentar que a televisão em nada colabora com a formação continuada ou extensiva depois da sala de aula universitária, pois a televisão assume papel importante na tentativa de incutir nas pessoas uma falsa consciência mascarando a realidade, impondo sutilmente valores, normas e conteúdos ideológicos de tal forma que estes conteúdos se tornam únicos na consciência dos telespectadores. Isso resulta na homogeneização da sociedade em torno de valores sociais, culturais, econômicos e sociais que beneficiam o sistema do mercado que é o controlador dos meios televisivos.

Já a internet como principal meio de acesso a bens culturais foi assinalada por 59% dos entrevistados. Isso significa que os estudantes de licenciatura em Educação Física estão na tendência contemporânea de uma geração que está na teia da rede mundial de computadores, *smartphones*, *tablets* e *iphones*. São, portanto, a geração Y, também denominada de geração do milênio, geração da internet, ou *Millennials*.

Sua formação continuada e informações são, portanto, precárias e suscetíveis a nenhuma controle de veracidade, seja científica ou jornalística, expostos a toda sorte de *fake news*, obtendo uma visão de mundo fragmentada e incompleta sobre a realidade local, nacional e internacional.

Mas talvez o dado mais angustiante da pesquisa é que 59% dos estudantes entrevistados afirmaram não ter o hábito de ler livros. Além de dos 26% que não responderam a questão. Estes dados estão dentro das perspectivas da população brasileira. Segundo o Ministério da Cultura, em 2008 apenas 26 milhões de brasileiros liam em média 3 livros por ano.

Entre os mais de 189 milhões de brasileiros, há cerca de 26 milhões de leitores ativos que lêem pelo menos três livros por ano. 'É muito pouco', afirmou o ex-diretor executivo da Câmara Brasileira do Livro (CBL) Armando Antongini. Neste ano, a CBL deve divulgar nova pesquisa que vai traçar o retrato da leitura no Brasil. Segundo o último estudo da CBL, cada brasileiro lê, em média, 1,8 livro/ano, diferente dos EUA (cinco livros per capita) ou da Europa (entre cinco a oito livros lidos por habitante) (BRASIL, 2008).

Uma pessoa que lê, consegue desligar por mais tempo o seu aparelho de TV. O contrário nos lança na triste constatação já expressa no século passado pelo historiador inglês Erich Howbsbaum: “A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem” (HOBSBAUM, 1995, p. 13). Portanto, também sem futuro.

Conseqüentemente, os estudantes tornam-se extremamente frágeis na compreensão da realidade, na capacidade de enfrentar profissionalmente seus desafios para além do senso comum. Tornam-se frágeis diante do bombardeio consumista nas mídias e dos fake news da rede e com pouca robustez intelectual para fazerem a diferença científico-intelectual na sua futura profissão. Também tem suas escolhas ideológicas comprometidas pelas formações continuadas e informações fragmentadas, quase que exclusivas dos meios eletrônicos massivos, desprovidas da reflexão decorrente da leitura de livros narrativos e científicos.

4.7 Perfil ideológico dos estudantes de Educação Física - Licenciatura

LIBERAIS (ESQUERDA)%	OPÇÃO	TEMAS POLÊMICOS	OPÇÃO	CONSERVADORES (DIREITA)%
59%	Deve ser proibida, pois ameaça a vida de outras pessoas.	1. POSSE DE ARMAS	Arma legalizada deve ser um direito do cidadão para se defender.	41%
56%	Pobres que migram contribuem com o desenvolvimento.	2.MIGRAÇÃO	Pobres que migram acabam criando problemas para a cidade.	44%
86%	Deve ser aceita por toda a sociedade.	3.HOMOSSEXUALIDADE	Deve ser desencorajada por toda a sociedade.	14%
64%	Boa parte está ligada à falta de oportunidades iguais.	4.POBREZA	Boa parte está ligada à preguiça de pessoas que não querem trabalhar.	36%

24%	Não cabe, mesmo que a pessoa tenha cometido um crime grave.	5.PENA DE MORTE	É a melhor punição para indivíduos que cometem crimes graves.	76%
81%	São importantes para defender os interesses dos trabalhadores.	6.SINDICATOS	Servem mais para fazer política do que para defender os trabalhadores.	19%
46%	A maior causa é a falta de oportunidades iguais para todos.	7.CRIMINALIDADE	A maior causa é a maldade das pessoas.	54%
19%	Aqueles que cometem crimes devem ser reeducados.	8.ADOLESCENTES	Aqueles que cometem crimes devem ser punidos como adultos.	81%
25%	Uso não deve ser proibido, pois o usuário é o mais penalizado.	9.DROGAS	Uso deve ser proibido, pois a sociedade é a mais penalizada.	75%
61%	Acreditar em Deus não necessariamente torna uma pessoa melhor.	10.RELIGIÃO	Acreditar em Deus torna as pessoas melhores.	39%

Tabela 4 – Escala de valores liberais (esquerda) e conservadores (direita) segundo as proporções de estudantes de Educação Física relativos aos anos de 2015 e 2017 calculadas conforme as respostas dadas aos seguintes temas:

Fonte: Os autores, 2018

Os dados acima apontam que o perfil ideológico dos estudantes de Educação Física – Licenciatura da UNIOESTE, pesquisados nos anos de 2015 e 2017 pode ser considerado como político-comportamental de centro. Considerando que o total de respostas foram 41, destes 53% das respostas assinalaram as dimensões liberais que, segundo a análise do questionário adotado para a pesquisa também se configura como pensamento a esquerda. Já 47% das respostas estão à margem direita do perfil político-comportamental.

LIBERAIS (ESQUERDA)%	CONSERVADO-RES (DIREITA)%
53%	47%

Tabela 5 – Proporção geral de liberais e conservadores

Fonte: Os autores, 2018

Dessa forma pode-se afirmar que os percentuais estão muito próximos de um empate técnico, o que nos autoriza afirmar que os estudantes de Educação Física–Licenciatura são de perfil centrista. São estudantes que em determinados temas se identificam mais como liberais e em outros temas assumem posições mais conservadoras, definindo-se como pessoas que se situam ideologicamente no centro

político-ideológico. Além disso, estes resultados configuram que os licenciandos em Educação Física da UNIOESTE não sofrem qualquer tipo de doutrinação ideológica no referido curso, pois a diversidade de posições relativas aos temas apresentados na Tabela 4 permite afirmar que estes estudantes constroem sua própria visão de mundo, sem uma doutrinação específica, seja liberal (esquerda) ou conservadora (direita).

CONCLUSÕES

A formação inicial, especificamente no período acadêmico e início da docência, se configura como uma fase de relevada importância para a atuação e desenvolvimento profissional docente.

Acreditamos ser questão fundamental para a discussão sobre a formação docente saber como os licenciandos compreendem a sociedade na qual vivem e como se posicionam ideologicamente, considerando seu período de formação universitária.

Assim, a presente pesquisa evidenciou que os estudantes de Educação Física - Licenciatura tem formação ampla e abrangente em termos de compreensão da realidade e de sua visão de mundo, sendo capazes de renunciar a mudanças radicais nestes tempos de aceleração da modificação político-social. Tem condições de assumir uma coexistência de diferentes formas de reforma sociais e seus objetivos, numa competição saudável de várias tentativas de reformas de sucesso a partir do desenvolvimento de abordagens mais úteis para o futuro, sem, portanto, uma abordagem unidimensional. Garante-se aos estudantes o acesso às mais diferentes concepções e visões de mundo nas teorias pertinentes à formação em Educação Física – Licenciatura para que possam ter a opção de escolher os modelos nos quais mais acreditam ou se identificam.

Evita-se, assim, o caminho da ideologização, pois, a panacéia das ideologias é tão prejudicial para quanto para as visões de mundo, que querem explicar todas as manifestações. Não há diretrizes no referido curso que queiram prescrever uma visão de mundo fixa.

O curso de Educação Física da UNIOESTE, *campus* de Marechal Cândido Rondon, é uma área do conhecimento de importante instrumento na formação integral do ser humano, bem como a todos os profissionais de Educação Física que se formaram no referido curso e os docentes que atuam nele.

A Educação Física tem sua área de trabalho fundamentada nas concepções de corpo e movimento. Esta visão tem permitido a superação de sua condição histórica limitadora que se restringia aos aspectos fisiológicos e técnicos. Hoje se considera as dimensões culturais, sociais, políticas e afetivas que constituem o *corpus* cidadão.

Mais do que em qualquer tempo, as novas gerações precisam reencontrar o humano. Esse é um dos desafios da Educação Física neste século XXI. Uma educação que compreenda esse ser humano em sua complexidade caracterizada no corpo. Para isso é necessário a construção permanente de um diálogo sobre a questão do

corpo de forma interdisciplinar, sustentado numa nova racionalidade que se articule com base na ação comunicativa, qualificadora da argumentação, e com a teoria da complexidade, que permita entender o corpo em toda a sua complexidade enquanto construção de um ser que é ao mesmo tempo biológico e subjetivo (espírito-psíquico-emocional). Por isso a formação precisa estar sustentada na docência-pesquisa, que pode ser realizado através de programas de formação permanente em forma de rede, por meio de projetos de aprendizagem e interdisciplinaridade.

Trabalha-se no objetivo de construir uma convergência em torno do corpo em perspectivas mais socializadas, interativas e colaborativas. Isso se alcança com base em pilares epistemológicos que significam a unidade entre cognição e ação e teoria e prática. Uma epistemologia da práxis, de movimentos integrados e compreensivos para superar as posições antagônicas e maniqueístas.

A Educação Física- Licenciatura em questão busca desenvolver na educação formal/escolar situações-problema que favorecem o processo auto-reflexivo capaz de romper as fronteiras da aula para além da aula. O conhecimento e as experiências corporais vivenciadas na sala de aula visam alcançar o cotidiano dos alunos, da escola e das famílias. Ela é, por excelência, a área do conhecimento que pode desenvolver atividades lúdicas interdisciplinares relativas ao corpo como conhecimento para o exercício e vivência da qualidade de vida. As atividades lúdicas são e se carregam de complexidade pedagógica e antropológica. Através delas aprende-se a sonhar o mundo, o futuro, e entrar no mundo das linguagens múltiplas, necessárias para apreender e entender os gestos próprios para relações humanas mais saudáveis e felizes. Para isso desenvolvem-se conteúdos interdisciplinares que respondam as questões da atualidade concernentes ao corpo, como os transtornos alimentares a exemplo da bulimia, anorexia e obesidade, bullying, corpo e a mídia, corpo e adolescente, história do corpo, entre outros.

Por tudo isso, a Educação Física desenvolve o ensino e a aprendizagem sustentados no movimento humano, para costurar os fios que unem sensibilidade e conhecimento movidos por desejos e intenções. Isso aciona a curiosidade, o pensamento, os sentimentos e a ação prospectiva.

REFERÊNCIAS

AHLERT, Alвори. Reflexões éticas e filosóficas sobre a educação escolar. **Revista Iberoamericana de Educación** (Online), La Revista Iberoamericana de Educación es una publicación editada por la OEI , Madrid, España. v. 42, p. 1-8, 2007. Disponível em: www.rieoei.org/jano/1950Ahlert.pdf.

ARENDDT, Hannah. As origens do totalitarismo. III: Totalitarismo, o paroxismo do poder. Tradução de Roberto Raposo, introdução do prof. Marcos Margulies. Rio de Janeiro: Documentária, 1979. (Documenta/Ideias: 6)

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. Brasileiro lê 1,8 ao ano. 17/01/2008. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/brasileiro-le-1-8-livro-ao-ano-136816/10883/maximized . Acesso em: 15/10/2018.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

ALVES, G. B.. Discurso, Reforma do Estado e Ideologia Neoliberal no Governo Collor. In: **II Seminário em Estudos e Análise do Discurso**, 2005, Porto Alegre - RS. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/GustavoBiasoliAlves.pdf> . Acesso em 27/10/2018.

CAETANO, Tiago Lemanczuk Fraga. Mein Kampf e o ideário nazista. **Consilium - Revista Eletrônica de Direito**, Brasília n.4, v.1 maio/ago. de 2010.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. , 294 p.

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

COURTOIS, Stéphane .. [et al.]; com a colaboração de KAUFFÉR, Remi... [et al.]; **O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão**. Tradução Caio Meira. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

GALLARDO, Jorge Sergio Pérez. **Educação física: contribuições à formação profissional**. Ijuí: Unijuí, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sergio Henriques e Marco Aurelio Nogueira. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, volume 1, 1999.

GUARESCHI, Pedrinho Alcides. **Sociologia crítica: alternativa de mudanças**. 14 ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1987.

HILDEBRANT-STRAMANN, Reiner; TAFFAREL, Celi Zülke. (Org.). **Currículo e educação física: formação de professores e prática pedagógica nas escolas**. Ijuí: Unijuí, 2007.

HOWNSBAUM, Erich. **A era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FOLHA DE SÃO PAULO. **RUF – Ranking Universitário Folha**. São Paulo, 1º de Outubro de 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GROSSMANN, Siegfried. **Christen nehmen Stellung: “Ideologisierung der Schule” Was können Eltern und Lehrer tun?** Kassel, Deutschland: R. Kühne Verlag, 1974.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor W. (orgs.). **Temas básicos da sociologia**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, s.d., pp.184-205, 1974.

IDEOLOGIE. In: **Dtv-Lexikon**, München, Deutschland, band 9, 1967.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LENK, Kurt. **El concepto de ideologia: comentário crítico y selección sistemática de textos**. Buenos Aires: Amorrortu, pp.9-46, 1974.

MARQUES, Mario Osório. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. Ijuí: UNIJUÍ, 1995.

MARQUES, Mario Osorio. **A formação do profissional de educação**. 4. Ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

MARCELO GARCIA, Carlos. Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. **Sísifo. Revista de Ciências da Educação**, n. 08, jan./abr, 2009.

MARTINELLI, Verônica. Crime e ideologia: do terceiro reich ao assassinato de Moisés. **Ágora** (Rio de Janeiro), v. VIII n. 2, p. 175-191, jul/dez 2005.

MAZOWER, Mark. **O império de Hitler: a Europa sob o domínio nazista**. Tradução Claudio Carina e Lucia Boldrini. – 1a ed. – São Paulo – Companhia das Letras, 2013.

MENDONÇA, A.; ROCHA, C.; NUNES, H. **Trabalhos Acadêmicos, planejamento, execução e avaliação**. Goiânia: Alfa, 2008.

MESZÁROS, István. **Filosofia, ideologia e ciência social**. São Paulo : Boitempo, 2008.

MESZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. - 1.ed. revista. - São Paulo : Boitempo, 2011.

MESZÁROS, István. **O poder da ideologia**. 1. ed., 5 reimpr.. São Paulo: Boitempo, 2014.

MOROSINI, Marília C.; COMARÚ, Patrícia A. A dimensão profissional docente: Aquestões do nosso tempo. In: ENRICONE, Délcia. **Professor como aprendiz. Saberes docentes**. Porto Alegre, EDUPUCRS, 2009. p. 62- 92.

NASCIMENTO, Juarez Vieira. Escala de auto-percepção de competência profissional em educação física e desportos. **Rev. Paulista de Educação Física**, São Paulo, 13(1): 5-21, jan./jun. 1999.

NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. OXFAM BRASIL. A distância que nos une: um retrato das desigualdades brasileiras. São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/Relatorio_A_distancia_que_nos_une.pdf. Acesso em 05/10/2018.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, na modalidade de Licenciatura, UNIOESTE *campus* de Marechal Cândido Rondon. RESOLUÇÃO Nº 123/2015-CEPE, DE 24 DE SETEMBRO DE 2015.

ROLDÃO, Maria do Céu - Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Saber (e) Educar**. Porto. nº 13, p. 171-184, 2008.

SCHÖN, Donald. A. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000, 256p.

SILVA, Carla Luciana. **VEJA: o indispensável partido neoliberal (1989-2003)**. Cascavel: Edunioeste, 2009. Coleção Tempos Históricos, vol. 7.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. **Novos estud. – CEBRAP**, 2013, n.97, p.23-40.

TAFFAREL, Celi Zülke, et. all. Uma proposição de diretriz curricular para a formação de professores de educação física. In: HILDEBRANT-STRAMANN, Reiner; TAFFAREL, Celi Zülke. (Org.). **Currículo e educação física: formação de professores e prática pedagógica nas escolas**. Ijuí: Unijuí, 2007, p. 41-90.

TARDIFF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPED, JAN./ABR., 2000, P. 5-24.

UNESCO. **O Perfil dos professores brasileiros** : o que fazem, o que pensam, o que almejam — / Pesquisa Nacional UNESCO, — São Paulo : Moderna, 2004.

ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. - Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-453-5



9 788572 474535